

A INFLUÊNCIA DAS NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-EMOCIONAL DAS CRIANÇAS

Trabalho final de pós-graduação (IPAF-Porto, Portugal)

Liliana Fonte
Psicóloga

Email:
lilianafonte@iol.pt

RESUMO

Com este trabalho procurou-se fazer um estudo sobre a forma como os novos meios de comunicação (Internet, Telemóveis) poderão influenciar no processo de desenvolvimento sócio-emocional das crianças que a elas têm acesso. Procurou-se neste estudo relacionar o estilo relacional que as crianças apresentam com a maior ou menos exposição a estas formas de comunicação indirecta com o outro. Este estudo constituirá um contributo para que algo mais se saiba e se continue a estudar acerca deste temática tão importante e ainda tão pouco fundamentada.

Palavras-chave: Novas formas de comunicação, desenvolvimento sócio-emocional, tecnologia

1. DESENVOLVIMENTO SÓCIO-EMOCIONAL

Segundo M.R.M.L. o desenvolvimento sócio-emocional tem uma base social e relacional.

Desde o nascimento que o desenvolvimento vai acontecendo, primeiro na relação da criança com os primeiros cuidadores e mais tarde com os segundos cuidadores, o grupo de pares.

Esta mesma autora defende que é no meio social, que o individuo se constrói de forma coerente e equilibrada, sendo nas relações que vai estabelecendo com o outro que se encontra, se conhece e reconhece, tal como aqueles com quem se vai cruzando e apontando mutuamente o significado das descobertas de forma que as vivências vão ganhando um sentido comum.

M.R.M.L. define então, que esta construção do Eu que se dará gradualmente em fases/passos ao longo do desenvolvimento da criança:

- 1º Passo_ Orientação para a Análise de Contingência
- 2º Passo_ Reacção Circular de Atenção
- 3º Passo_ Apontar a dois a referenciação, que impede o “vazio de significado
- 4º Passo_ Elaboração pré-simbólica da experiência universal de perdas e reencontros
- 5º Passo_ Diferenciação do seu viver do dos seus pais
- 6º Passo _ Descoberta da parceria prazenteira fora da família
- 7º Passo_ Criação de significados pessoais e aproximação á maturidade

Quando este desenvolvimento não acontece de forma equilibrada, surgem as psicopatologias, tal como defendeu Quintino Aires, dando seguimento ao estudo de M.R.M.L. que seriam diferentes conforme a fase em que este desequilíbrio acontecesse durante o desenvolvimento sócio-emocional da criança.

Fase de Conflito:	Psicopatologia:
1º Passo	Psicose Autística
2º Passo	Psicose Afectiva
3º Passo	Psicopatia
4ª Passo	Neurose Fóbico - Ansiosa
5º Passo	Neurose Histérica
6º Passo	Neurose Obsessivo compulsiva
7º Passo	Depressão

1.1 O Desenvolvimento Sócio- Emocional na Pré_ Adolescência/ Adolescência

Segundo M.R.M.L o período da **Pré - Adolescência dará início por volta dos 6 anos e terá término por volta dos 12 anos**, constituindo nesta altura o quinto passo do desenvolvimento sócio-emocional da criança *”Diferenciação do seu Viver e dos seus Pais”*.

É nesta fase que a criança inicia o distanciamento parcial dos seus cuidadores, para se poder permitir á descoberta de novas experiências, novos relacionamentos e novas realidades, desenvolvendo assim a autonomia, iniciativa e auto-confiança.

Continua a ser importante a actividade do brincar e fantasiar, mas inicia-se uma fase de concretização do real, iniciando-se as aprendizagens da escrita e da leitura que lhe vai conferindo á medida que as concretiza sentimentos de sucesso.

A criança tem agora a possibilidade de olhar em seu redor de forma crítica e reflexiva sobre um novo conjunto de realidades que lhe vão surgindo, podendo assim manifestar opiniões e defende-las perante o outro.

A família continua a ser importante nesta fase do desenvolvimento da criança, dado que se deve mostrar presente e acompanhando as actividades e descobertas da criança, dando-lhe a liberdade necessária e a confiança para que tudo isto aconteça.

Quando não se consegue encontrar um equilíbrio entre o desejo de autonomia do adolescente e a necessidade de protecção parental, surgirá um sentimento de desamparo e de insegurança, manifestada por receios relativamente a tudo que rodeia este adolescente, ou por um desejo de controlo exacerbado por tudo e todos para que se sinta seguro.

Perante este contexto surgirão as patologias de Neurose Histérica, assim como indícios de Neurose Obsessivo Compulsiva, que surgem então fruto de uma processo de autonomização do adolescente mal resolvido e problemático.

A partir dos **12 anos** segue-se então um novo passo no desenvolvimento sócio-emocional da criança, agora já um adolescente.

Será aquele que dirá respeito á *Descoberta da Parceria Prazenteira Fora da Família*, constituindo assim o 6º passo da afectologia genética.

Tendo nesta fase o adolescente, a noção de que é uma pessoa distinta aos seus pais, procurará consolidar relações fora do contexto familiar, privilegiando nesta fase o aspecto social da sua vida sem no entanto se separar ainda totalmente da família.

A reflexão sobre aquilo que o rodeia, a tomada de posições e a definição de valores próprios leva-o a que se possa adaptar as exigências estabelecidas pelos novos contextos que encontra, passando a defender muito afincadamente as crenças e tudo aquilo em que o grupo que integra acredita.

Este assumir de valores muito próprios poderá trazer conflitos, pois estes adolescentes vão ter tendência a combater tanto no meio familiar como fora dele aquilo em que não concordam e não acreditam.

O Grupo de pares terá uma larga importância no desenvolvimento do adolescente, pois será aqui que ele se identificará, se sentirá integrado e ganhará auto-confiança suficiente para um dia ser tornar totalmente independente já numa fase de adultez: *O intercâmbio múltiplo com os pares e o jogo de amizades e oposições, que se reconhecem como características do pré-adolescente e do adolescente, irá reformular-se ética e esteticamente, um dia, como Eu adulto. (2005, MRML).*

Resumidamente é neste passo que o adolescente se define em busca dele próprio, se compara a outros e assume novos papéis pessoais e sociais.

O intercâmbio múltiplo com os pares, fará com que o adolescente se sinta ligado a um grupo de amigos próximo, que se esforce por se adaptar aos costumes e normas daquele grupo,

permitindo que faça desenvolver em si um sentimento de pertença e de integração social que lhe permitirá o desenvolvimento da pessoa social.

È de salientar que é nesta altura que surgem também os jovens que constituem grupos de marginais, que em conjunto fazem exprimir sentimentos destrutivos e de angústia, que não revelam mais do que uma inadaptação ao seu meio social, existindo muitas das vezes problemas de auto-estima e a nível dos relacionamentos mais primários, fazendo com que se construa uma identidade difusa e problemática, fazendo com que passem a sofrer rejeições sociais fortes.

2. A INFLUÊNCIA DOS CONTEXTOS DO DESENVOLVIMENTO NA IDENTIDADE

2.1 A Família

A família constituirá o primeiro sistema de que o adolescente faz parte que terá uma importância primordial, para o desenvolvimento geral dos jovens, em particular quanto às dimensões cognitivo, afectivo, social e morais.

A família constitui indubitavelmente um dos factores se não um dos mais determinantes da construção da personalidade da criança. Esta importância acresce do facto da família ser o ambiente mais importante para a criança, o seu primeiro grupo social e onde esta passa a maior parte do seu tempo e ao qual a criança vai ter que se adaptar e interiorizar as primeiras regras e conceitos sociais e lhe dará o primeiro sentimento de pertença, identificação e protecção, permitindo que se desenvolva com segurança e assim lhe favoreça todas as condições para que se desenvolva globalmente com sucesso.

Cataldo (1987) citado por Salvador et al (1999), destaca quatro funções ou responsabilidades da família com as crianças e /ou adolescentes:

- 1. A família deve oferecer cuidado e protecção aos filhos, garantindo-lhes subsistência em condições dignas;*
- 2. As famílias devem contribuir para a socialização dos filhos em relação aos valores socialmente constituídos;*
- 3. As famílias deverão dar suporte à evolução das crianças e/ou adolescentes, controlá-las e ajudá-las no processo (...) de instrução progressiva em outros âmbitos e instituições sociais;*
- 4. Uma outra função da família consiste na ajuda e no suporte que proporcionam às crianças e/ou adolescentes virem a ser pessoas emocionalmente equilibradas, capazes de estabelecer vínculos afectivos e respeitosos com outros com a própria identidade (p.158-159).*

Estas directrizes indicadas pelo referido autor irão de encontro aquilo que defende Vygostky na sua teoria sobre a “ construção da mente”, apoiada mais tarde pelos estudos de M.

Rita M. Leal, dado que para estes o desenvolvimento do indivíduo dá-se através da interacção do sujeito com o meio. Isto significa que desde o nascimento a criança por si mesma e sem a mediação inicial dos seus cuidadores não consegue levar adiante um desenvolvimento sócio-emocional favorável e equilibrado.

A ideia central para a compreensão das concepções de Vygostky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é exactamente a referida ideia do conceito de *mediação*. Ou seja, enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso directo aos objectos, mas esse acesso é mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interacção mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não é visto como uma acção isolada do sujeito sobre a realidade, mas é sim adquirido pela interacção de outros sobre esta mesma realidade.

O outro social, pode apresentar-se por meio de objectos, da organização do ambiente ou do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

Assim sendo a família em paralelo com outros grupos sociais com os quais a criança vai interagindo, serão factores de grande importância para poderem gradualmente ir dando sentido às suas experiências e vivências e para a sua integração social de forma que se possam tornar crianças ou jovens autónomos com capacidade de decisão e resposta mediante os desafios com os quais se vão deparando no dia-a-dia.

As aprendizagens adquiridas neste sistema culminarão em relações de forte vinculação afectiva que irão influenciar directamente em factores como o rendimento escolar, as aspirações, sucesso vocacional e no ajustamento conjugal e familiar quando atingido o estado de adultez.

O desenvolvimento da personalidade da criança depende em grande parte dos estilos ou práticas educativas parentais utilizadas, tal como das características de personalidade dos próprios pais e familiares intimamente ligados a criança, do nível de interacção entre ambos e entre o próprio casal e ainda de variáveis sócio-demográficas como a idade e o sexo dos pais ou filhos, como também da classe social e cultural.

Todos estes factores, farão a diferença na forma como cada família permitirá com maior ou menor sucesso a qualidade das interacções familiares e como se conseguirá adaptar mediante cada fase de vida e de desenvolvimento da criança.

É naturalmente uma fase de muitos conflitos inter-familiares, pelo facto de que os adolescentes não aceitam pacificamente as intervenções dos pais e a sua preocupação em aspectos tais como, a escola, as amizades, a forma de vestir etc, criando-se assim interacções as vezes difíceis e incompreendidas entre pais e filhos que diminuirão a medida que o adolescente atinge a idade adulta.

Esta fase de conflitos surge pelo facto do adolescente querer fazer valer as crenças e valores que cultiva dentro do grupo de pares com o qual se identifica, valores estes que vão muitas e na maioria das vezes contra aquilo que é defendido no meio familiar, dando a partida de imediato origem a desentendimentos e a que se criem ligações de tensão dentro deste meio.

Esta chamada “rebeldia” dos adolescentes verifica-se claramente pelo aumento de discussões intrafamiliares fruto da necessidade que estes têm da busca da sua identidade e com isso surgir a tendência para experimentarem um certo grau de tensão entre as tentativas para se tornarem independentes dos pais e a dependência real que tem para com eles.

È natural nesta altura experimentar uma série de comportamentos, envolvendo-se numa variedade de actividades que os pais e a sociedade em geral consideram condenável.

A Família terá assim um papel fundamental de acompanhamento, de orientação e de compreensão da necessidade do adolescente encontrar esta mesma “liberdade” sem nunca esquecer os necessários limites que devem continuar a ser impostos de forma a que o adolescente não se sinta negligenciado e sozinho no seu meio familiar.

Tal como já referido, estas tensões intrafamiliares vão diminuindo a medida que o adolescente se torna um adulto, já com convicções próprias, independente e adaptado socialmente, aceitando assim os valores e pontos de vista do outro social sem que tenha necessariamente que fazer surgir conflitos quando estes não se enquadram nos seus.

2.2 A Escola

A família e escola são concebidas como instituições distintas. Porém são interdependentes. Moreno & Cubero (1995), afirmam que a família e a escola apesar de contextos diferentes estão na verdade interligadas, e que embora exista em cada uma delas características que lhe são próprias, a experiência num deles pode servir de facilitador ou de obstáculo para a adaptação do outro.

A escola tem responsabilidade significativa no desenvolvimento do adolescente, uma vez que o seu papel de educadora não se restringe apenas aos aspectos relacionados com a transmissão de conhecimento científico organizado culturalmente. Vai além disso, pois é neste contexto que os adolescentes vivenciam processos de socialização, se reconhecem enquanto seres individuais, passam a treinar habilidades para participar em situações sociais, a capacidade de comunicar, “sofrem” os papéis sexuais impostos socialmente e também adquirem conceitos relevantes para a construção da sua identidade pessoal – confiança, autonomia e iniciativa.

Não será de ignorar também, tal como nos disse Coll, Palácios e Marchesi (1995) que a conduta do professor em relação ao aluno será determinante para o auto-conceito do adolescente, pois os sentimentos que o aluno tem sobre si mesmo dependem, em grande parte, dos comportamentos que percebe que o professor mantém em relação a ele.

2.3 A Cultura

Os jovens vivem em contextos sociais e culturais diversificados, e neste sentido sofrem a sua influência, particularmente no modo como estruturam o mundo e a relação que com ele estabelecem.

Vygotsky argumenta que o desenvolvimento cognitivo surge como consequência das interações sociais que as crianças estabelecem umas com outras para em conjunto solucionarem problemas.

Vygotsky & Luria (1994), descrevem o desenvolvimento como um processo dinâmico em que alternam estágios de relativa estabilidade e os períodos de mudanças radicais - as crises, são entendidas como positivas, pois modificam velhas relações e abrem espaço para a criação de novas possibilidades.

Entendendo o desenvolvimento enquanto processo dinâmico e utilizando-se o conceito de Zona de Próximo Desenvolvimento (ZDP), Vygotsky (1988) refere que existe o nível de desenvolvimento real ou efectivo e a ZDP correspondente àquelas actividades que o sujeito ainda não consegue realizar sozinho, mas consegue com a ajuda de outra pessoa, os pais, professores, colegas mais velhos e outros.

Mais concretamente, Vygotsky defende que as capacidades cognitivas das crianças aumentam quando elas são expostas a informação que surge dentro desta ZDP, e quando tem acesso aos facilitadores da aprendizagem como já foi referido anteriormente.

A interacção com o outro, adquire assim um carácter estruturante na construção do conhecimento na medida em que oferece, além da dimensão afectiva, desafio, apoio para a actividade cognitiva. A interacção social actua dessa forma, sobre a ZDP, fazendo com que os processos maturacionais decorrentes, se venham a completar fornecendo assim novas bases para a aprendizagem.

Através destas aprendizagens as crianças progredem e adquirem a capacidade de funcionar intelectualmente por elas próprias.

A teoria Sócio-Histórica de Vygotsky, tem em conta a influência do contexto e ambiente sócio cultural específico da sociedade sobre o crescimento intelectual, defendendo que o modo como as crianças entendem o mundo é visto como consequência das interações com os pais, as outras crianças e outros membros de determinada cultura. (Feldman,2001, p.429)

2.4 O Grupo de Pares

Paralelamente ao contexto familiar e escolar, deve-se considerar a importância do grupo no desenvolvimento do adolescente.

Estes procuram no fenómeno grupal uma forma de se expressarem, além de ser para eles um contexto de identificação. É natural nesta fase do desenvolvimento a busca dos iguais. O grupo passa a ter um papel significativo intra e interpessoal.

No grupo de pares, o adolescente encontra segurança e estima. Neste período consolida-se o espírito de grupo, os membros aceitam as suas regras (modas, costumes, linguagem, modos de estar e ser) opondo-se com alguma frequência às figuras paternas, transferindo a dependência que outrora sentiam face à família para os amigos.

M. Rita M. Leal baseia-se nos estudos de Foulkes (1957) e Bion (1961) para defender que o grupo de pares terá uma forte acção como instrumento de mobilização e de desenvolvimento da personalidade do adolescente, descrevendo então que é no intercâmbio múltiplo com os pares e o jogo das amizades e oposições que vai sendo vivenciado, que se reconhecem como características da pré - adolescência e adolescência, que irá surgir o caminho para o desenvolvimento da pessoa social que virá o tornar-se um dia como um EU Adulto.

De acordo com Rodriguez 1994, (cit in Vidigueira.V, 2007) toda esta dinâmica desencadeia-se face à procura de uma nova identidade (sexual, social e psicológica), o que leva o jovem a recusar os antigos padrões e normas estabelecidas e desejar desenvolver um campo de acção e manifestação realmente próprio (cultura adolescente). A vivência comum grupal vai proporcionar um excelente marco de separação do primitivo esquema familiar.

O território grupal aparece como substituto do espaço familiar, a casa paterna dá lugar a novos espaços como os bares, os concertos, a associação juvenil, etc., respondendo à necessidade de partilhar espaços de liberdade que lhe assegurem a autonomia fora do controle dos adultos.

A interacção entre iguais complementando a interacção com o adulto terá um papel decisivo na adaptação sócio-emocional, pelo que vai estimular o desenvolvimento de competências sociais.

Neste sentido, o grupo de pares desempenha um papel importante na transmissão de normas culturais, desenvolvendo no adolescente o sentimento de estar integrado no mundo e na sociedade.

3.AS NOVAS TECNOLOGIAS E OS JOVENS

É ainda escassa em Portugal a pesquisa sobre as relações de crianças e jovens menores de 18 anos com as novas tecnologias, apesar da liderança que caracteriza estes grupos etários no conjunto da população no que se refere a acesso e usos diversificados de meios como a Internet ou o telemóvel.

Apesar do potencial positivo destes meios, nomeadamente no desenvolvimento da sociedade e cultura, sabe-se muito pouco sobre as características dos seus usos “privados” (em casa, na solidão do quarto, com os amigos, noutros ambientes informais), certamente diferentes dos realizados na sala de aula ou na escola, onde o controlo do professor e as normas de utilização estão mais presentes.

As crianças e jovens ao terem acesso a estes novos meios de tecnologia e se este uso não for devidamente controlado e monitorizado pelo adulto educador poderá tornar-se mais do que um meio facilitador de acesso a informação e de enriquecimento cultural e vir a tornar-se um factor destabilizador e desestruturante no processo de desenvolvimento sócio-emocional deste tipo de população.

Ou seja o uso destas novas tecnologias por parte dos jovens pode tornar-se realmente num aditivo (não tóxico) tal como o álcool, tabaco, jogo, sexo e drogas que constituem as dependências mais conhecidas e censuradas pela sociedade, quando utilizadas de forma compulsiva e descontrolada causando uma redução da liberdade e alterando o comportamento social das crianças e jovens. Este uso compulsivo pode provocar patologias relativamente novas, como ficar dependente do telemóvel e da Internet.

No entanto há que ter em conta que não deve ser visto como um factor causador por si só destas mesmas perturbações, mas sim que constituirão consequência de um desenvolvimento sócio - emocional já desestruturado á priori.

Vemo-nos assim obrigados a reflectir dada a dualidade de opiniões que se verificam a volta desta temática, se eventualmente poderemos dizer que serão as novas tecnologias responsáveis por estes descontrolos sócio-emocionais, se poderemos falar de bons ou maus conteúdos relativamente á Internet e se deverá esta ultima ter uma função apenas pedagógica para as crianças como vi referir por vários autores.

Será importante antes de mais, reflectirmos acerca de como se dá a construção do pensamento da criança / adolescente, para a partir daí percebermos de que forma estas tecnologias poderão ser ou não um factor negativo para o desenvolvimento deste tipo de população.

Assim Vygotsky ao lado de colaboradores como Luria, Leontiev e Sakarov, entre outros, para nos explicarem esta mesma construção apresenta-nos conceitos, alguns já abordados por Jean Piaget, um dos primeiros a considerar a criança como ela própria, com seus processos e particularidades, e não um adulto em miniatura.

O teórico pretendia uma abordagem que buscasse a síntese do homem como ser biológico, histórico e social. Ele sempre considerou o homem inserido na sociedade e, sendo assim, sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio-histórica e na interacção do homem com o outro no espaço social. A sua abordagem sócio-interacionista procurou caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo (Vygotsky, 1996).

Vygotsky et. al. (1988) acredita que as características individuais e até mesmo suas atitudes individuais estão impregnadas de trocas com o colectivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano foi construído a partir de sua relação com o indivíduo.

Na chamada perspectiva *sócio-interacionista*, *sócio-cultural* ou *sócio-histórica*, abordada por L. Vygotsky, a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao facto de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos. Isso quer dizer que os processos caminham juntos, ainda que não em paralelo.

Esta relação entende-se pela Zona de Próximo Desenvolvimento definido pelo mesmo autor, e que já foi descrito anteriormente.

Em Vygotsky, ao contrário de Piaget, o desenvolvimento – principalmente o psicológico/mental (que é promovido pela convivência social, pelo processo de socialização, além das maturações orgânicas) – depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada no meio escolar.

Ou seja, para Vygotsky, não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem. Não podemos pensar que a criança vai se desenvolver com o tempo, pois esta não tem, por si só, instrumentos para percorrer sozinha o caminho do desenvolvimento, que dependerá das suas aprendizagens mediante as experiências a que foi exposta.

A função do educador, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. Como foi destacado anteriormente, é no âmago das interações no interior do colectivo, das relações com o outro, que a criança terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas (Creche Fiocruz, 2004).

É assim que as crianças, possuindo *habilidades parciais*, as desenvolvem com a ajuda de parceiros mais habilitados (mediadores) até que tais habilidades passem de *parciais* a *totais*. Temos que trabalhar, portanto, com a estimativa das potencialidades da criança, potencialidades estas que, para tornarem-se desenvolvimento efectivo, exigem que o processo de aprendizagem, os mediadores e as ferramentas estejam distribuídas em um ambiente adequado (Vasconcellos e Valsiner, 1995).

Assim sendo e para que a criança se desenvolva sócio emocionalmente equilibrada e consiga realizar as suas aprendizagens de forma adequada, tem que ter a seu lado cuidadores presentes, atentos e disponíveis para acompanharem as experiências que vão vivenciando de forma a que sejam mediadores de novos conhecimentos e aprendizagens.

O que se verifica hoje em dia e cada vez mais nos núcleos familiares, é que os pais muitas das vezes negligenciam esta importância de acompanharem os filhos nas suas aprendizagens e no seu desenvolvimento, deixando-os muitas vezes “sozinhos” neste processo não dando assim um sentido e um significado àquilo que vão experienciando.

Muitas das nossas crianças e adolescentes trazem já consigo um histórico de perturbação emocional, que os cuidadores não percebem à partida e passa só a ser visível quando a criança altera o seu comportamento de forma acentuada, passando por exemplo a isolar-se, a fugir do contacto directo com o outro e assim passar a ter um contacto com o mundo apenas de uma forma virtual e indirecta.

Aquilo que se verifica é que as crianças mais inseguras, imaturas, incapazes de resolver os seus problemas, instáveis emocionalmente ou com tendência a procurar o prazer de forma imediata serão as mais propensas a cair nesta dependência do uso descontrolado da Internet ou do telemóvel.

São formas perfeitas de fugir à realidade e de compensar de forma fictícia, estas carências. Assim, o que começa como uma solução acaba por se converter numa conduta obsessiva,

incontrolável que vai influenciar negativamente nas rotinas diárias e básicas do indivíduo sem que a criança tenha consciência deste problema de adição.

Palheta, Oliveira e outros afirmam em 2001 que é importante chamar atenção para os perigos deste mundo virtual, que apesar de se mostrar maravilhoso, atraente, infinito, também se pode tornar perigosos, quando não utilizado conscientemente, na medida em que o adolescente deixa de vivenciar o contexto real, substituindo-o pelo virtual. No entanto julgo ser ainda mais importante, estar atento ao desenvolvimento sócio emocional da criança, acompanha-la de forma a que se consiga com ela perceber este novo mundo de facilidade de acesso a todo o tipo de informações, e ajuda-las a fazer de cada uma destas informações uma aprendizagem que contribua para um desenvolvimento de uma consciência mais adaptada e integrada ao mundo real.

No caso de nos surgirem crianças que utilizam estas novas formas de tecnologia de forma aditiva, julgo também ser importante perceber o que levou a que a criança privilegiasse este tipo e forma de comunicação, negligenciando o contacto directo com o outro e o estabelecimento de relações interpessoais favoráveis, pois isto será um sinal já de perturbação emocional, em que o uso exacerbado destas novas tecnologias será apenas uma consequência de uma problemática já existente e não como causa.

3.1 Incidência demográfica em Portugal

Após realização de um estudo em nove países europeus incluindo Portugal, onde foi estudada uma amostra de 643 jovens entre os 11 e os 19 anos, verificou-se que cerca de 90% possui telemóvel e usam Internet sem qualquer restrição por partes dos pais. (1996; *Apropriação dos Novos Media*; Mediapro).

A maioria dos estudantes inquiridos indicou ter começado a usar a Internet por volta dos 9-10 anos. A pesquisa de conteúdos para trabalhos escolares foi a actividade mais referida (91%). No lugar seguinte surge a comunicação com os amigos no MSN (77%) ou correio electrónico (69%), ambas acima da média europeia.

Se em todos os países deste estudo, o ambiente da casa foi considerado como mais livre do que o da escola, também no caso português, a maioria dos inquiridos portugueses refere usar a Internet o tempo que quer, sem regras e restrições especiais por parte dos pais. Mais de metade (59%) afirmou nunca ter sido proibido de entrar em determinado site e 44% respondeu que os pais permitiam o contacto on-line com pessoas que não conheciam.

Além dos inquéritos, foram entrevistados estudantes dos vários grupos etários, dos dois sexos e com diferenças na intensidade do seu grau de utilização da Internet. Nas 26 entrevistas, a grande maioria expressou a sua necessidade de estar on-line, de se sentirem ligados aos amigos, sobretudo, através de ferramentas de comunicação como o Messenger, por exemplo. Em Portugal essa ligação é especialmente potenciada pelo telemóvel, cujo uso acentuado foi justificado por se tratar de um meio que permite ligação contínua aos pares, 24 horas sobre 24 horas, além de poderem dizer coisas que não diriam numa comunicação face a face. A preferência por SMS em

vez de chamadas telefónicas é evidente não só é mais económica, como facilita a comunicação de determinados assuntos.

Os resultados das diferenças relativamente á variável género permitem identificar atitudes e comportamentos em relação aos utilizadores dos novos media e também sugerem algumas diferenças nas formas de intervenção familiar. Assim, este estudo evidenciou que os rapazes são os que mais pesquisam na Internet, além de se interessarem mais por computadores e jogos.

A variação no uso diário cresce com a idade nos rapazes, enquanto o oposto acontece nas raparigas na faixa etária dos mais velhos, o recurso diário à Internet é referido por 67% dos rapazes e apenas por 27% das raparigas.

Por contraste são as raparigas quem possui uma maior taxa de posse de telemóveis em todas as faixas etárias, além de recorrerem mais aos SMS que os rapazes, indicando assim a preferência pela actividade comunicacional. De notar que o controlo parental em relação aos telemóveis é menos apertado em relação as raparigas: 94% tem permissão dos pais para ligar a quem quiser, contra 88% dos rapazes.

Para estes jovens no seu conjunto, a Internet surge ainda como preferência quando comparada com a televisão (71% contra 20,5 %) ou com o telemóvel (50,2 % contra 42,4%). Contudo, os indicadores resultantes das respostas on-line permitem também definir o perfil dos jovens internautas por género. São os rapazes os que se iniciam mais novos na Internet, que utilizam mais o computador no quarto ao fim de semana. Por sua vez, as raparigas distinguem-se por preferirem mais ouvir música, enviar SMS e conversar com pais e irmãos.

3.2 Uso Excessivo de Internet e Telemóveis

Os telemóveis, computadores e todas as novas tecnologias no geral foram inventadas para simplificar o dia-a-dia, mas é certo que utilizados de forma errónea podem prejudicar a saúde dos seus utilizadores.

Salienta-se mais uma vez a necessidade de se considerar que a problemática emocional do utilizador não será causada pela utilização, estará sim já com ele latente, mas que irá ser manifestada através do uso excessivo deste tipo de equipamentos, tal como se poderia manifestar de outras formas tão ou mais prejudiciais como o alcoolismo, tabagismo ou toxicod dependência.

A comunicação através de um mundo virtual, protegido e controlável, ira desencadear no utilizador sensação de segurança e conforto, criando assim de dia para dia uma necessidade cada vez maior da utilização deste tipo de tecnologias, o que provoca naturalmente aquando da impossibilidade do acesso as mesmas uma ansiedade e sensação solidão perante a natural ausência de comunicação e contacto com o mundo exterior, provocando também caso a situação se mantenha no tempo quadros depressivos.

Mais uma vez, reforça-se o facto de não podermos ver o uso das novas tecnologias como uma causa destas patologias, mas como uma forma de consolidar e enraizar uma perturbação emocional já existente no indivíduo.

As pessoas que utilizam estes equipamentos, ou no caso das crianças os seus pais, devem estar atentos e procurar reconhecerem alguns sinais que serão alertas para o início da dependência, tais como: utilizar o telemóvel na hora das refeições, ficar ligado a Internet 90% do dia, preferindo as companhias virtuais ao contacto directo com amigos e parentes e estar constantemente a verificar se tem mensagens no telemóvel.

A ansiedade nos jovens e nos adultos é criada pelo facto de eventualmente ficar sem ligação à Internet ou sem rede ou bateria no telemóvel que o impossibilite de fazer a sua utilização constante e diária. Esta ansiedade só desaparece quando se estabelece nova ligação aos aparelhos, pelo facto de que passa a constituir a única forma de contacto com o mundo exterior, o individuo a medida que se dedica a esta forma de comunicação vai perdendo competências de relacionamento interpessoal e vai-se sentindo cada vez menos confortável no contacto directo com o outro, logo a falta de ligação a internet é vista como a ausência total de contacto com outrem que o leva a sentimentos de solidão profunda.

O uso em excesso desses meios pode limitar a vida da pessoa ao ambiente virtual, afastando-a do convívio social e favorecendo o surgimento da depressão. O mundo virtual torna-se mais interessante e cria uma realidade paralela que é uma abstracção; quando essas pessoas enfrentam a realidade podem sofrer porque tudo é muito diferente do que se idealiza, alerta o Psicólogo Fábio Pontes, 2007.

Lisa Merlo em 2007 revela num estudo efectuado através da Universidade da Florida, que as pessoas mais tímidas, menos auto confiantes são geralmente aquelas que se sentem mais seguras em comunicar por meios electrónicos e em ambiente virtual.

Esta utilização continuada, permite a pessoa conseguir estabelecer contactos pessoais que fora desta realidade virtual não consegue, caracterizando-se no entanto por serem contactos superficiais e de falsa intimidade, reforçando no entanto cada vez mais o isolamento social e o afastamento dos relacionamentos interpessoais directos.

No caso dos jovens, é especialmente sintomática a falta de amizades com pares e a descida das notas na escola. Normalmente, assiste-se também à existência de relações familiares degradadas em que existe uma falta de acompanhamento dos cuidadores para com os jovens, que por si mesmos acabam também por não os deixar entrar neste mundo que criam a sua volta.

A dependência das tecnologias normalmente, não aparece como um problema isolado. É sinal de uma desestruturação global, que passa pela vivência de relações familiares conflituosas ou distantes e por relações sociais insatisfatórias.

Para Luís Patrício, autor de "Droga, Aprender para Prevenir", um livro sobre dependências destinado a pais e educadores, estas dependências evidenciam na generalidade dos casos, “um mal estar mais profundo”, eventualmente carências afectivas, dificuldades de relacionamento, imaturidade relacional e social, que se desenvolvem na procura de soluções para as dificuldades afectivas, sexuais ou lúdicas, disfarçando assim desejos insatisfeitos e evitando uma intimidade real que é vista como ameaçadora.

3.3 Sinais de alerta para os pais

- Utilização excessiva do computador, Internet, TV, Videojogos
- Isolamento da criança/jovem no quarto
- Desinteresse escolar
- Retração em actividades desportivas ou lúdicas até então realizadas
- Irritabilidade na tentativa da redução da utilização

3.4 Sinais efectivos de Dependência

- Preocupação constante com a Internet quando esta offline
- Necessidade contínua e crescente de utilizar a Internet como forma de obter a excitação desejada.
- Utilização da Internet como forma de fugir de problemas ou de aliviar sentimentos de impotência, culpa, ansiedade ou depressão.
- Mentir para familiares e pessoas próximas com o intuito de encobrir a extensão do envolvimento com as actividades on-line.
- Comprometimento social e profissional
- Comprometimento nas articulações motoras utilizadas na digitação.
- Sensação de estar a viver um sonho durante um período prolongado na Internet
- Duração de tempo maior do que 6 meses

3.3. Análise Crítica_ Benefícios Vs Malefícios da Internet

A Internet está a converter-se vertiginosamente numa parte da nossa vida quotidiana e está a levantar novas questões acerca do acesso e das desigualdades, da natureza e qualidade do uso, das suas implicações no desenvolvimento social e educativo das crianças e, finalmente, sobre o equilíbrio entre os perigos e as oportunidades por ela criadas, tanto para crianças e jovens como para as suas famílias.

Num país como Portugal, marcado por um fosso geracional significativo no que diz respeito ao acesso e uso das novas tecnologias, crianças e jovens são vistos com ambivalência: por um lado, são apelidados como a “geração digital”, pioneiros no desenvolvimento das capacidades *online* e com conhecimentos tecnológicos superiores ao dos adultos que os rodeiam; por outro, como um colectivo vulnerável, imerso num crucial, mas frágil processo de desenvolvimento social e cognitivo, no qual os meios de comunicação, e concretamente a Internet, pressupõem um risco potencial. (2007, Vieira N. et Ponte, C.)

Não há dúvida de que a Internet é uma ferramenta benéfica para as crianças e que elimina muitas das limitações de tempo e espaço que estas encontram no mundo “real”. A rede aumenta o seu acesso a todo o tipo de informação, permite que esta seja também utilizada em meio escolar e no estudo em grupo, oferece a oportunidade de contactar com outras pessoas sobre uma variedade quase infinita de assuntos e interesses, aumenta também os seus círculos de conhecidos e amigos reais.

Ainda que a definição de risco e os limites que dele derivam inclua sempre uma componente subjectiva, é certo que o risco existe. Tendo em conta a natureza da Internet e a forma como as crianças e os adultos a utilizam, é provável que alguns se tenham exposto alguma vez a conteúdos inapropriados ou tenham sofrido más experiências. Mas também existem conteúdos violentos, pornográficos ou xenófobos nos meios de comunicação tradicionais e é possível encontrar pessoas pouco convenientes em qualquer outro lugar. Ou seja, será assim importante constatar que a Internet será apenas mais uma porta de entrada deste tipo de conteúdos em paralelo com tantas outras que encontramos no mundo real e com as quais não se verifica esta preocupação de utilização, também pelo facto de não serem de tão fácil e discreto acesso. No entanto há que considerar que os efeitos sobre as crianças e jovens serão os mesmos, se esta exposição for feita sem a importante mediação dos cuidadores que ajudem a trabalhar a informação a que a criança vai tendo acesso.

Como ponto de partida para estas questões dos riscos e oportunidades criados pela Internet, deve tomar-se em consideração a seguinte premissa: **a Internet em si mesma não é boa nem má, depende do uso que se faça dela.** Ou seja, podemos dizer que não existem bons nem maus conteúdos, existe sim uma utilização produtiva quando acompanhada pelos cuidadores de forma a que toda a informação a que tenham acesso seja integrada como novas aprendizagens úteis ao bom desenvolvimento sócio emocional da criança.

A segunda das ideias básicas a destacar é a de que a Internet, para além de um possível risco, é também, e sobretudo, uma oportunidade. As oportunidades com que brinda o ciberespaço são quase ilimitadas: a Internet é, na actualidade, um elemento chave na educação, iguala as classes sociais ao permitir o acesso às mesmas informações, possibilita a interacção com pessoas de outros países e culturas, serve como ferramenta integradora para os incapacitados e aumenta as possibilidades de entretenimento, entre muitas outras vantagens.

Em terceiro lugar, a Internet é uma realidade. Trata-se de uma ferramenta utilizada de maneira habitual por crianças e jovens, tal como o demonstram diversos estudos internacionais e nacionais já anteriormente referidos. Essa situação põe em relevo o facto de que, tal como os adultos, as crianças não podem ficar à margem do seu uso sob pena de ficarem excluídos do futuro mercado laboral e isolados da actual Sociedade da Informação.

De uma forma geral, os riscos que geram maior preocupação são os que têm uma natureza social, ou seja, os que podem ter um forte impacto na vida social, emocional e física de crianças e jovens, tendo como exemplos já atrás mencionados, o isolamento, o distanciamento social pelo

evitamento do contacto interpessoal, a ansiedade que surge na falta de utilização entre outras alterações de comportamento.

Apesar dos possíveis riscos mencionados, cabe destacar que o maior risco da Internet não deriva do seu uso, mas sim do seu “não uso”, já que a Internet se converteu na ferramenta básica de troca de informação do século XXI. Portanto, aqueles que não estão educados para interagir e comunicar com a tecnologia ficam em clara desvantagem.

As vantagens e oportunidades que a rede das redes oferece são evidentes. Em todo o mundo, os mais jovens utilizam cada vez mais a Internet como uma fonte de informação, comunicação, socialização e entretenimento. A Internet permite aos jovens cultivar diferentes pontos de vista e oferece um acesso à informação mais igualitário.

Apesar das vantagens da Internet serem sobejamente conhecidas, considera-se aqui oportuno destacar uma das principais oportunidades com que a Rede nos brinda e que tem, todavia, um longo caminho a percorrer: a oportunidade educativa.

Uma das perguntas que se coloca a este respeito é a seguinte: O acesso à Internet melhora o rendimento escolar? Ainda que não seja fácil separar os efeitos do acesso em si mesmo de outros factores, existem fortes indícios de que o acesso à Internet a partir de casa fortalece e acelera a aprendizagem. Diversos estudos demonstraram que os estudantes com acesso tanto em casa como na escola, têm melhores resultados académicos do que aqueles que têm acesso unicamente na escola. (2007, Vieira N. et Ponte, C.)

No entanto apesar de se divulgarem este tipo de estudos, julgo importante ter em conta que até ao aparecimento da internet, sempre fomos conhecedores de bons alunos e bons resultados escolares e além disso deve ser importante também salientar que com a facilidade que a Internet disponibiliza todo o tipo de informações, hoje em dia muitos trabalhos escolares são conseguidos através deste meio sem que o aluno tenha tido qualquer aprendizagem neste processo. Ou seja, a Internet ultrapassa de longe as aprendizagens escolares, mas sim possibilita uma aprendizagem geral e variada dentro das mais diversas temáticas, sejam elas curriculares ou não.

No nosso país, e apesar de praticamente todas as escolas terem acesso à Internet, muito poucas estão a rentabilizar ao máximo esse potencial ilimitado, integrando o computador na aula. É um facto comprovado que os estudantes com ligação à Internet na sala de aula, em oposição àqueles que a utilizam num lugar comum, como a biblioteca ou numa aula de informática, mostram maiores progressos e obtêm melhores resultados. Esta situação deve-se muito certamente ao acompanhamento que o professor dá aos alunos nestas pesquisas, na selecção de informação complementar aos conteúdos curriculares e na orientação dos alunos de forma a saberem tirar proveito de toda a informação disponível na internet.

O professor constituirá um mediador importante nestes processos de aprendizagem, sendo assim um parceiro nestas descobertas e constituindo um aliado ao aluno para se poder sentir à vontade em colocar todas as dúvidas em relação àquilo a que vão atendo acesso através destes meios, sendo estes conteúdos curriculares ou não.

O professor deve saber tirar partida deste tipo de acessórios no processo de aprendizagem do aluno e também de forma a saber aproximar-se de cada um deles e assim perceber questões que devem ser esclarecidas e trabalhadas do mundo real.

Mas a Internet pode ir muito mais longe. A rede pode ajudar a envolver mais os pais na escola. Existem também investigações nesse sentido que demonstram que a implicação dos pais é um elemento essencial para os resultados escolares dos alunos. A Internet é um instrumento sem igual para ligar os pais com as actividades escolares, a aprendizagem na sala de aula e o progresso individual do aluno (2007, Vieira N. et Ponte, C.)

3.4 O papel da família e o fosso geracional

A riqueza da Internet e a sua mais-valia como instrumento de trabalho radica evidentemente na variedade e disponibilidade da informação que contém. As páginas de entretenimento na Internet, os jogos, etc., não diferem muito daquilo que é actualmente oferecido pelas consolas de videojogos e outros media. Isto quer dizer que, sem retirar importância à faceta lúdica desta ferramenta, consideramos que pedagogicamente o mais interessante é, sem dúvida, a vasta gama de conteúdos e de informação que a internet dispõe, sejam eles de âmbito curricular ou não.

É aqui evidente o importante papel que a família poderia desempenhar, ao iniciar as crianças no manuseamento da Internet a partir de casa e na companhia dos pais. Contudo, existem duas circunstâncias que salientam a necessidade de utilizar outra via formativa mais profissionalizada. Em primeiro lugar, são muitas as crianças que não dispõem dos meios necessários para ter um computador e uma ligação à Internet em casa. Em segundo lugar, estamos conscientes de que o manejo da Internet é minoritário entre os adultos e que, por isso, na maioria dos casos os pais não podem ensinar os filhos este tema tão específico.

Apesar das dinâmicas de mudança registadas em Portugal nos últimos anos este problema continua a persistir, sendo agravado pelo fosso digital entre gerações no uso das novas tecnologias, em especial da Internet. (2007, Vieira N. et Ponte, C.)

Perante este panorama será importante que os pais procurem acompanhar as novas aprendizagens dos filhos, tentando ter informação e acesso ao funcionamento destas novas tecnologias de forma a poderem orienta-los e reger esta utilização. Por outro lado a importância do acompanhamento pelos professores que constituirão um intermediário forte entre pais e filhos, na educação das crianças para a utilização das novas tecnologias e esclarecimento dos riscos e oportunidades que estas lhes podem trazer.

REFLEXÃO FINAL

Nesta reflexão acerca do utilização dos novos meios de tecnologia disponíveis na sociedade moderna, mais especificamente a Internet e os Telemóveis pelas crianças e jovens, concordamos que cada vez mais e mais cedo as crianças tem acesso a estes mesmos meios e com isso um fácil

acesso á mais variadíssima informação sendo pedagógica/curricular ou geral e relativamente a assuntos do dia-a-dia que todos os dias acontecem na nossa sociedade e que também constituirão fontes de aprendizagem para estas mesmas crianças.

Sabemos que para que a criança se desenvolva emocionalmente equilibrada, é necessário que seja acompanhada desde o nascimento pelos seus cuidadores, de forma a que com eles e em segurança descubra o mundo a sua volta, identificando aquilo que é bom, mau e como deverá integrar as informações que vai percebido de forma a se tornarem aprendizagens afectivas e que lhe permitam num futuro agir independentemente por si só, aquando da necessidade de alcançar uma autonomia de tomada de decisões.

Será assim este o papel que os pais/cuidadores terão relativamente a estes novos meios de comunicação e de acesso a informação, o de orientar e acompanhar as crianças perante as informações as quais vão tendo acesso, sabendo esclarecer todas as duvidas e questões que muito naturalmente surgem nestas faixas etárias relativamente a determinados conteúdos a que acedem, sem procurar esconder e ocultar aquilo a que elas mais cedo ou mais tarde estarão expostas no mundo real.

Concordamos ser fundamental e necessário os pais estabelecerem limites a nível do tempo de utilização, de procurarem promover boas relações dentro do meio familiar, de abertura e facilidade de se discutirem todo o tipo de temáticas, para que não se criem neste mesmo meio, dificuldades a nível da comunicação e interacção entre pais e filhos que se irão repercutir na forma como estes últimos se posicionam na interacção com o outro, levando a que muitas vezes por uma inadaptação social venham a privilegiar as formas de relação e comunicação indirecta e sem que seja necessário o contacto directo com o outro.

Parece-nos ser fundamental este posicionamento dos pais perante estas novas descobertas dos filhos para que se consiga tirar um máximo proveito deste tipo de tecnologias sem que haja assim um risco de que sejam interiorizadas aprendizagens distorcidas e enviesadas do mundo real.

BIBLIOGRAFIA:

Dependência da Internet provoca isolamento e negligência da vida pessoal.
(<http://tek.sapo.pt/4Q0/669905.html>)

Feldman, R.(2001). *Compreender a Psicologia*. (5ªed) McGraw Hill, 429.

Irvin Martha (2004). *Jovens de hoje cresceram com a internet.*
(<http://www.cmconsultoria.com>)

Jovens portugueses usam internet sem controlo (2006)
<http://ciberia.aeiou.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=id.stories/4936>

Leal, R.(2006). *Psicogénese da Identidade Pessoal – Comunicação e Pessoa*. IPAF

Melo, J.(2007).*Uso excessivo de celular e internet causa dependência*. Agencia BR News
(http://www.braziliansuperlist.com/noticia/uso_excessivo_de_celular_e_internet_causa_dependencia_diz_estudo)

Norte, H (2007) *Sintomas e consequências da dependência patológica das novas tecnologias*. JN (<http://www.fersap.pt/fersap/modules.php?name=News&file=article&sid=527>)

Ponte, C. et Candeias, C.(2006). *Crianças e Internet - que acesso e usos? Que potencialidades e que riscos dessa relação*.
(www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/ArtigoOBERCOM2006.pdf).

Vícios em novas tecnologias crescem entre jovens (2005). Redacção Terra.
(<http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI634867-EI4802,00.html>)

Vidigueira, V.(2005). *A influência da TV no desenvolvimento sócio-emocional dos adolescentes*. Monografia da Faculdade de ciências humanas e sociais do Algarve.

Almeida, L et Pimenta, M.(2002). “*As dificuldades que permeiam o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente usuário de internet: um estudo de suas redes de relações.*” Trabalho de pós graduação apresentado ao curso de psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Brasil.